

Roma, 19 de março de 2020

Solenidade de São José

“A vós, São José, recorremos em nossa tribulação,
tendo implorado o auxílio de vossa Santíssima Esposa”.

(Leão XIII)

Queridas Irmãs e queridos Amigos Leigos-Santa Ana,

Escrevo-lhes na solenidade de São José, Esposo da Virgem Maria e Patrono da Igreja universal, enquanto enviamos a nossa felicitação à Província do Oeste - Índia que é colocada sob a especial proteção deste grande e humilde Santo, fortaleçamo-nos na unidade em um momento particularmente difícil por causa da pandemia do covid-19.

Esta circunstância agora está envolvendo o mundo inteiro e é particularmente dramática aqui na Itália: no momento são 35.713 contagiados e 2.978 mortos, mas os números infelizmente mudam, aumentando de hora em hora. As regiões mais afetadas atualmente são as do Norte da Itália, especialmente a Lombardia. E também a Igreja está pagando um grande preço, pela morte de sacerdotes e consagrados. Recordamos que a Lombardia, com as províncias de Bergamo, Brescia e Milão, é a região italiana que deu à Igreja dois Santos Papas, João XXIII e Paulo VI, e um grande número de missionários, entre os quais também muitas de nossas Irmãs que foram missionárias na Índia.

A epidemia, difundindo-se em todos os continentes tornou-se, portanto, pandemia fazendo-nos ver como o mundo é de verdade uma **Casa comum**, onde não servem os limites entre as nações e nem mesmo as diferenças entre ricos e pobres. O vírus, definido inimigo invisível, penetra em qualquer parte. Esta circunstância nos faz pensar e, sobretudo, nos faz sentir **irmãos e irmãs, única família, família universal, “pan-família”**.

Agora em todas as nações nas quais estamos presentes, os vários Governos promulgaram decretos que constringem a uma forçada “clausura”, a uma estranha imobilidade. E a Igreja teve que em todos os lugares, dar a suas indicações. Encontramo-nos, portanto, vivendo uma quaresma “diferente”...

No coração de todos nós cristãos e por sinal pessoas consagrados experimenta-se também medos, dúvidas, às vezes pânico, devido um sentido de instabilidade e de precariedade que parece tirar-nos a terra debaixo dos pés. Este é certamente um **tempo de grande provação, mas não pode ser um tempo de medo**. A nossa fé e a nossa espiritualidade não são uma moldura acessória, mas o fundamento que nos ajuda a viver o cotidiano mesmo em tempos como estes. Estamos como os discípulos, no barco no mar da Galileia, que são assustados pela tempestade. Jesus está na popa, sobre o travesseiro e dorme. E os discípulos gritam: “*Mestre, não te importa que pereçamos?*” (cfr. Mc 4,38). Também nós, tantas vezes pensamos que Deus está ausente ou dorme, quase que não lhe importa as nossas dificuldades e o nosso destino... e gritamos, gememos interiormente. Mas **Ele está, e acalma a tempestade**. “*Nas tempestades devemos sempre recordar que Deus está acima da tempestade... e Deus pode tirar-nos de todas as tempestades*” (Card. Angelo Comastri).

Quantos tempos de provação viveu a nossa Bem-aventurada Madre Henriqueta! E como as afrontou? Com o **abandono em Deus**. Este tempo de provação seja, portanto, para nós **o tempo do abandono em Deus**, ou seja, o tempo propício para viver de maneira concreta e sempre mais profunda o abandono Nele. Não são palavras vazias, é uma vida que fala e se transfunde em nossa vida, neste momento mais do que nunca. “***Outra coisa não busco que abandonar-me em tudo e por tudo nos braços paternos do meu bom Deus*** – escrevia e vivia Madre Henriqueta - *e lá me sinto quieta e contente sem nenhum temor do que podem fazer os homens e das insídias que podem fazer-me o mundo e o demônio. Oh quanto se está bem sob os cuidados e a proteção do Pai Eterno! Oh se todos os homens conhecessem a sua infinita bondade, certamente viveriam mais abandonados à sua divina Providência!*”. (M. Enrichetta, I, p. 365).

Esta foi certamente também a atitude do grande São José que hoje celebramos. Guardião humilde e silencioso do Filho de Deus e da Virgem Maria, de quantos perigos os protegeu e livrou? E isto porque foi totalmente e continuamente abandonado à Providência divina e ao Seu Plano de amor.

Seja esta, portanto, também nossa atitude. Sejam os nossos sentimentos e as nossas palavras animadas por este profundo abandono em Deus, de modo a transmiti-lo também a quem nos circunda ou às pessoas com as quais temos contato através dos meios de comunicação.

Este abandono em Deus e no Seu Plano Providencial, se constrói a partir de **três simples percursos** que somos convidados a viver:

1) A oração. Neste tempo, para muitos por imobilidade forçada, viver o abandono em Deus significa concretamente **rezar**, dar-nos tempo, um tempo a mais, um tempo qualitativamente melhor, para estar simplesmente abandonados aos Seus braços. **Disfrutar da Sua presença.** O que tem de mais frágil uma criança que não sabe falar, não sabe caminhar, não sabe defender-se? Está exposto a mil perigos e tem medo. O que faz vencer o seu medo? A presença da mãe, estar abandonado aos seus braços. Disfrutamos, portanto, da **presença de Deus** que para nós é pai e mãe: *“Eu estou tranquilo e sereno como uma criança desmamada nos braços de sua mãe”* (Sl 131).

É, além do mais, normal e necessário neste tempo de provação, viver a oração também como **imploração**. O povo de Deus, a humanidade, os crentes e não crentes, pedem a nós pessoas consagradas o sustento da nossa oração. Nós sabemos que Deus é Bom Papai. Seja, portanto, a nossa oração uma **imploração contínua, uma imploração confiante** dirigida ao Pai por filhos que são abandonados aos Seus braços. Imploramos o descanso eterno para os mortos, o conforto para os moribundos, a cura para os doentes, paz e unidade para as famílias, luz e força para os médicos, os enfermeiros, os trabalhadores da área sanitária e todos os voluntários. Adoramos Jesus Sacramentado. Imploramos a misericórdia de Deus com o *terço do Amor Misericordioso*. Imploramos a nossa Senhora com o Santo Rosário. E façamos nossas as orações que, nas nossas Dioceses, os Bispos nos sugerem fazer. E, sobretudo, imploramos e agradecemos a Deus com a nossa vida.

2) Ir às coisas essenciais. Concentramo-nos sobre o que de verdade vale a pena. Este tempo de provação faz **vir à tona, sobre o que temos fundamentado a nossa vida...** Neste tempo emerge onde está o nosso coração, qual é o nosso tesouro. Esta provação é ao mesmo tempo uma **oportunidade para retornar ao essencial**, como se fôssemos partir. Estamos providencialmente no tempo da Quaresma, que é também tempo de jejum, isto é, de despojamento, de purificação. Abandonamos tudo aquilo que é efêmero, tudo o que nos consome, tudo o que nos entristece e redescubramos o que permanece para sempre: o amor. Vivamo-lo em relação a Deus, aos outros e a nós mesmos. Não percamos tempo.

3) A solidariedade. Descubramos o valor das relações e as fortaleçamos. Redescubramos a alegria e a criatividade antes de tudo do nosso **estar juntas**. E nas nossas relações, mesmo através do telefone e os outros meios de comunicação, comunicamos o que de verdade vale a pena, deixemos de lado a conversa fiada e a “sujeira”. Concentramos sobre o amor verdadeiro. Isto permanece e permanecerá para sempre.

Neste tempo, no qual somos “forçados” a estar “fechados” em casa e nos conventos, **não aconteça, porém, que se fecha o nosso coração**, que se murcha o nosso amor. A pandemia – dizíamos - nos faz descobrir que somos **“pan-família”**, isto é, família universal, todos somos irmãos e irmãs. Não podemos fechar o coração a quem é irmão, sobretudo, se é mais pobre. Há tantos modos para viver esta solidariedade: colocando-nos em comunicação com quem sabemos que vive situações de solidão; fazendo de maneira que a quem está sozinho e é pobre não falte o que é necessário para viver... No **pleno respeito de todas as normas de segurança e prudência** que nos são exigidas pelos governos, pela Igreja e também pelo nosso bom senso para não colocar em dificuldade nós mesmos e todos aqueles que nos são mais próximos, vivamos a **criatividade da caridade**, fazendo chegar àqueles que sabemos que são pobres, espiritualmente e/ou materialmente, a expressão concreta do amor de Deus, em cujo abandono e sob cujo cuidado vivemos. Sirvam-nos de exemplo e coragem as experiências de Madre Henriqueta e dos nossos Fundadores em tempos similares.

Queridas Irmãs e amigos, obrigada pela proximidade que a mim, a nós e a toda a Congregação fizeram sentir. Nunca como neste tempo, do oriente ao ocidente, do norte ao sul, estamos todos interessados uns pela saúde dos outros. Esta fraternidade nos faz bem! Obrigada de coração.

Continuamos a crescer nesta unidade. Se vivemos juntos o abandono em Deus, aquele concreto, Ele através das mãos poderosas de Maria, de São José e de todos os nossos Santos, não deixará de mostrar-nos o Seu poder e proteção.

Com vivo afeto, saúdo a todos de coração, também em nome das Conselheiras e das Irmãs da Casa Geral. Deus Onipotente e Providente, nos abençoe e nos proteja.

Com afeto

Sr. Francesca Sarcia